

Fundamentalismo protestante e pentecostalismo: distanciamento e proximidade

Introdução

O fundamentalismo foi ao mesmo tempo uma reação e uma apropriação da modernidade. Esse movimento rejeitava o avanço da ciência, mas ao mesmo tempo usava o conhecimento científico para demonstrar que a veracidade das doutrinas do cristianismo.

O fundamentalismo protestante foi um movimento que ganhou forma, principalmente entre as igrejas presbiterianas e batistas do sul dos Estados Unidos, a partir do século XIX. Os principais antecedentes históricos do fundamentalismo foram a teologia ortodoxa de Turretin, a qual fora difundida no Seminário de Princeton; as doutrinas pré-milenaristas; e as discussões doutrinárias com os teólogos liberais. O fundamentalismo defendia a inspiração e inerrância das Escrituras, de modo que ela deveria ser interpretada de maneira literal. Além disso, os fundamentalistas se consideravam os guardiões dos valores e dos bons costumes da sociedade e, como tal deveriam fazer oposição aos avanços na modernidade que colocassem em risco esses valores.

No início do século XX surgiu o pentecostalismo nos Estados Unidos e, ao contrário dos fundamentalistas enfatizaram mais a experiência extática do que a dogmática. Proponho a seguir, uma reflexão a respeito desse período, ao passo que destacarei as diferenças e as semelhanças entre fundamentalistas e pentecostais nos Estados Unidos no início do século XX.

**Osiel Lourenço
de Carvalho**

*Doutorando em
Ciências da Religião,
Universidade Metodista
de São Paulo (Brasil)*

*P*recursos do Fundamentalismo

Depois da primeira geração de reformadores surgiu uma teologia caracterizada pela chamada ortodoxia, na qual a inspiração verbal das Escrituras bem como sua infalibilidade e inerrância eram centrais. Um dos representantes dessa teologia protestante ortodoxa foi o teólogo ítalo-suíço Francis Turretin (1623-1687), o qual escreveu uma obra em três volumes chamada *Institutiones theologiae elencticae*. Nela, Turretin faz um tratado sistemático das doutrinas cristãs e, pois acreditava na inspiração verbal de toda Escritura, pois segundo ele as palavras da Bíblia foram transcritas diretamente pela direção do Espírito Santo. Portanto, as Escrituras seriam uma produção predominantemente divina e não humana, pois seus escritores foram diretamente usados por Deus para escreverem cada palavra do texto bíblico; com efeito, para entendermos o fundamentalismo, precisamos conhecer Turretin e sua obra.

Para Turretin mesmo até os pontos vocálicos do texto hebraico do Antigo Testamento eram divinamente inspirados e, conseqüentemente infalíveis. No entanto, nessa época de Turretin já se sabia que os pontos vocálicos do Antigo Testamento foram acrescentados posteriormente pelos massoretas no século VI d. C. Turretin argumentou e disse que o texto massorético era inerrante e não precisava ser corrigido por manuscritos hebraicos mais antigos. Portanto, de acordo com Turretin o texto bíblico que ele tinha em mãos era plenamente inspirado por Deus.

Os estudos de Turretin lançaram as bases para a formação teológica no Seminário de Princeton, no qual a maioria dos ministros presbiterianos dos Estados Unidos estudou no século XIX; esse seminário se tornaria posteriormente um dos principais centros do fundamentalismo americano. A teologia sistemática de Turretin era leitura obrigatória para alunos e professores, pois era considerada a teologia correta e a única verdadeira da doutrina protestante. Como um manual essa teologia sistemática era estudada durante todo o curso teológico em Princeton. Segundo OLSON (2001):

Uma dinastia de erudição teológica conhecida como «escola de Princeton» cresceu a partir dos ensinamentos de Turretin. Ela era exemplificada por Archibald Alexander, pela equipe de teólogos presbiterianos conservadores formada por pai e filho, Charles Hodge e Archibald Alexander Hodge, e por seu sucessor Benjamim Breckinridge Warfield. Durante o reinado teológico em Princeton de 1812 a 1921, a dinastia Alexander-Hodge-Warfield de teologia de Princeton traduziu o escolasticismo e a ortodoxia protestante do tipo Turretin para o contexto norte-americano do século XIX e criou os alicerces teológicos e doutrinários que deram origem ao fundamentalismo no século seguinte.

O mais destacado dos teólogos em Princeton foi Charles Hodge; nascido em 1797, numa família presbiteriana conservadora, foi também aluno em Princeton onde seu principal objeto de estudo era a teologia sistemática de Turretin. Recém formado, foi estudar em outras universidades europeias e assistiu palestras de Schleiermacher e Hegel. Todavia, já nessa época não se simpatizava com a teologia liberal, pois segundo ele essa forma de fazer teologia descaracterizava o cristianismo. Hodge

procurou um fundamento filosófico para sua teologia e teve acesso ao realismo de Thomas Reid (1710-1796).

Com base na filosofia de Thomas Reid, Hodge afirmava que a ciência racional era uma das bases da teologia protestante. Na sua obra *Teologia Sistemática* ele organizou os dados da revelação divina, pois segundo ele as Escrituras eram inerrantes e infalíveis, sendo assim, não havia incoerências na Bíblia; tudo estaria de acordo com a racionalidade. Hodge também defendia que a inspiração das Escrituras não se deu apenas no campo das ideias, mas as palavras do texto bíblico também foram inspiradas pelo Espírito Santo. Com efeito, as Escrituras conteriam a verdade. Esses conceitos de Hodge fizeram dele o precursor do fundamentalismo do século XX. Ele considerava a teologia liberal de Schleiermacher apenas uma intuição mística pelo fato de ser subjetiva e não valorizar o conteúdo doutrinário do cristianismo.

Benjamin Breckinridge Warfield foi o sucessor de Hodge no Seminário de Princeton, de quem foi aluno. Assim como seu professor, Warfield também enfatizou a inspiração e infalibilidade das Escrituras. Durante o período em que foi professor em Princeton, Warfield fez oposição à chamada alta crítica¹. Em uma série de artigos escritos ele sustentava sua posição de que o texto bíblico, em sua integralidade não continha erros e era plenamente inspirado por Deus. Sendo assim, os teólogos de Princeton criaram os alicerces do fundamentalismo, pois identificavam o cristianismo com a doutrina correta; enfatizaram a revelação como uma verdade objetiva e transmitida através das Escrituras e rejeitaram os pressupostos da teologia liberal e da alta crítica.

Havia também entre os protestantes norte-americanos a concepção de que o mundo estaria a caminho do fim, de modo que haveria um confronto final entre Deus e o diabo, ao passo que a sociedade corrompida chegaria ao fim. Essa crença ficou conhecida nos Estados Unidos, no final do século XIX, como pré-milenarismo que é marcado pela expectativa de uma «intervenção sobrenatural divina, uma crença na irrupção do sobrenatural na história» (MENDONÇA, 1984).

Acreditava-se que Jesus voltaria ao mundo antes de inaugurar o milênio²; esse evento ficou conhecido como o Arrebatamento da igreja. Em contrapartida, os teólogos liberais eram alinhados com a concepção pós-milenarista do Iluminismo, de que o mundo iria melhorar mediante a atuação dos homens para o estabelecimento do Reino de Deus. Esse Reino, para os liberais esta dentro da história e não no além-

¹ É o estudo e a investigação das escrituras bíblicas que procura discernir e discriminar julgamentos sobre essas escrituras. Ela pergunta quando e onde um particular se originou. Como, por quais razões, por quem, para quem, e em que circunstâncias ele foi produzido; que influências se expressam em sua produção; que fontes foram usadas em sua composição e a mensagem que o texto deveria passar. Ela também se interessa pela natureza do texto, incluindo o significado das palavras e a forma como são usadas, sua preservação, história e integridade. A crítica bíblica se vale de uma ampla gama de disciplinas acadêmicas, incluindo a arqueologia, antropologia, linguística, etc.

² No cristianismo, deve-se chamar de milenarismo a crença num reino terrestre vindouro de Cristo e de seus eleitos – reino este que deve durar mil anos, entendidos literalmente, seja simbolicamente. O advento do milênio foi concebido como devendo situar-se entre uma primeira ressurreição – a dos eleitos mortos – e de uma segunda – a de todos os outros homens na hora de seu julgamento. O milênio deve, portanto, intercalar-se entre o tempo da história e a descida da «Jerusalém Celeste». Dois períodos de provações irão enquadrá-lo. O primeiro verá o reino do Anticristo e as tribulações dos fiéis de Jesus que, com este triunfarão das forças do mal e estabelecerão o reino de paz e felicidade. O segundo, mas breve, verá uma nova liberação das forças demoníacas, que serão vencidas num último combate (DELUMEAU, 1997).

OSIEL LOURENÇO DE CARVALHO

mundo, como pensavam os pré-milenaristas. Temos aqui, duas visões opostas da história, pois para os fundamentalistas o mundo iria piorar cada vez mais, ao contrário dos liberais que acreditavam na melhoria social mediante o esforço humano.

O responsável por difundir o pré-milenarismo nos Estados Unidos foi o inglês Nelson Darby (1800-1882), que teve suas doutrinas rejeitadas em seu próprio país. Entre 1859 e 1877 Darby realizou uma série de viagens aos Estados Unidos a fim de pregar os ensinamentos pré-milenaristas. Para ele o mundo caminhava para a ruína e, em breve Deus derrotaria o diabo e colocaria um fim na história, tendo em vista que a maldade humana, desastres naturais seriam um sinal do fim do mundo. Mas antes do fim, Jesus voltaria ao mundo para levar os cristãos convertidos para os céus, tendo em vista que o sofrimento no mundo seria apenas para os ímpios. O destino dos cristãos era o Reino e a vida eterna com Deus, ao contrário dos demais homens e mulheres cujo destino final era o sofrimento e a condenação eterna. Segundo ARMSTRONG (2009):

Os pré-milenaristas imaginavam o arrebatamento em detalhes concretos e prosaicos. Estão convencidos de que aviões, carros e trens se espatifarão de repente e pilotos, motoristas e maquinistas renascerão e serão carregados pelos ares. Bolsas de valores e governos cairão. Os que ficarem compreenderão que estão condenados e que os verdadeiros crentes sempre estiveram certos. Esses infelizes não só terão de suportar a Tribulação, como saberão que estão destinados à danação eterna. O pré-milenarismo é uma fantasia de revanche, com os eleitos assistindo os sofrimentos dos que zombaram de suas crenças, ignoraram, ridicularizaram e marginalizaram sua fé e agora, tarde demais, reconhecem o próprio erro.

Darby lia e interpretava o livro de apocalipse de maneira literal e não simbólica. Para ele, o capítulo vinte de Apocalipse, que fala a respeito do milênio, deve ser entendido como um evento literal. Após estudar a Bíblia, ele concluiu que Deus dividiria a história da salvação em sete dispensações: inocência, consciência, governo humano, abraâmica, lei, graça e milênica.

Além da teologia conservadora de Princeton e as doutrinas pré-milenaristas, a teologia liberal também contribuiu para o surgimento do fundamentalismo no final do século XIX. Para os teólogos liberais era preciso harmonizar o cristianismo com a modernidade, caso contrário à fé cristã se tornaria uma religião irrelevante e sem sentido aos tempos modernos. Com efeito, a teologia precisaria passar por uma reconstrução a fim de eliminar determinadas crenças.

A grande maioria desses teólogos acreditava que o pensamento moderno era necessário à interpretação das Escrituras; de maneira geral eles também desprezavam o sobrenatural e, reinterpretaram dogmas clássicos do cristianismo como a divindade de Jesus e a Trindade. Embora os teólogos liberais não concordassem em tudo, todos eram unânimes na ideia de que era preciso construir uma nova teologia cristã compatível com a modernidade, a filosofia, a ciência e a erudição bíblica. Os principais ensinamentos dos liberais eram:

- A aceitação das teorias das ciências da natureza como a teoria da evolução de Charles Darwin.
- O uso da alta e baixa crítica na interpretação da Bíblia.

- O reconhecimento da influência de povos vizinhos de Israel na constituição da religião judaica.
- A ênfase em Deus como amor, em lugar de sua figura de juiz da humanidade.
- A presença, em cada pessoa, de uma centelha divina, proporcionando uma visão otimista quanto à sua identidade e futuro.
- A teoria da revelação progressiva, com a influência dos fatores naturais, econômicos e políticos.
- Jesus mais que um salvador da humanidade, é exemplo de plenitude das potencialidades humanas.
- A Bíblia é um testemunho da experiência religiosa de Israel e da igreja em seus primeiros anos.
- As doutrinas e dogmas das igrejas devem ser substituídos pela experiência religiosa de cada indivíduo.

Essas doutrinas dos teólogos liberais gerou espanto entre as igrejas conservadoras em todos os Estados Unidos, o que gerou uma onda de reações por parte dos fundamentalistas. Para esses protestantes conservadores a teologia liberal estaria pondo em risco não apenas a sobrevivência do cristianismo, mas também a da própria civilização humana.

A reação fundamentalista

Como resposta, os presbiterianos de Princeton, publicaram em 1910 uma lista com os dogmas centrais da religião cristã:

- A infabilidade das Escrituras – é a base do projeto fundamentalista. Como texto sagrado, a Bíblia é inspirada, inerrante e infalível. Tendo em vista que até mesmo as palavras tem inspiração divina, as Escrituras devem se interpretadas de maneira literal. Com essa defesa da Bíblia, os fundamentalistas fizeram uma reação à modernidade que contrariava os preceitos bíblicos. Além disso, era mais uma vez os fundamentalistas dando uma resposta aos teólogos liberais e os adeptos da alta crítica. Alguns outros fundamentalistas não chegavam a dizer que todas as palavras da Bíblia eram inerrantes, mas sim suas doutrinas.
- A divindade de Cristo – Se os liberais faziam questão de destacar a humanidade de Jesus, como alguém que deixou um exemplo a ser seguido, os fundamentalistas reafirmaram o dogma de que Jesus é Deus e, como tal deveria ser cultuado.
- O nascimento virginal de Cristo – Tal como narra os Evangelhos Jesus foi gerado pela virgem Maria, de modo que esse relato não é mítico como afirmavam os teólogos liberais.
- A remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus – A morte de Jesus foi necessária, pois através desse sacrifício Deus expiou os pecados da humanidade. Para teólogos liberais a morte de Jesus foi apenas o resultado de um homem que desafiou o sistema de sua época em favor de seu ideal moral.
- A ressurreição de Jesus como um fato histórico – Jesus teria de fato ressuscitado, como dizem os evangelhos, de modo que isso não era uma reconstrução histórica das comunidades cristãs primitivas posteriores.

*T*extos do fundamentalismo

Um dos pilares do movimento fundamentalista foi a leitura pré-milenarista e dispensacionalista da Bíblia. Isso ganhou ainda mais força depois da publicação, em 1909, de *A Bíblia de Referência Scofield*; ela foi reeditada em 1917 e revisada em 1967, ao passo que no Brasil ela é popularmente conhecida como *Bíblia de Scofield*. Essa Bíblia trazia o texto bíblico e também uma série de anotações que expressavam uma visão de mundo apocalíptica. Essas notas ganharam quase a mesma autoridade do texto bíblico pelos fundamentalistas.

O autor dessas notas foi o pastor Cyrus I. Scofield, nascido em 19 de agosto de 1843, em Michigan, mas foi criado no Tennessee. Scofield foi muito amigo do evangelista Moody, de modo que realizaram uma série de conferências evangélicas juntos. Além disso, a pedido do próprio Moody, Scofield se tornou pastor da Igreja Congregacional Moody em 1895. Scofield começou o projeto da edição da Bíblia em 1907, de modo que o texto final foi publicado pela Oxford University Press em 1909.

A Bíblia de Scofield enfatiza aquelas doutrinas que os fundamentalistas consideravam básicas da fé cristã: infabilidade das Escrituras; a divindade, morte e ressurreição de Jesus; e o Juízo final. Além disso, ela tem informações introdutórias a cada livro da Bíblia e, dados históricos e arqueológicos. As anotações foram feitas a partir dos seguintes pressupostos: existe uma unidade intrínseca nas Escrituras; a Bíblia revela a história da redenção da humanidade de maneira gradual e progressiva; e a inspiração é o elemento que confere harmonia às Escrituras. Sendo assim, Scofield colocou em suas anotações a doutrina das sete dispensações de Darby: inocência, consciência, governo humano, abraâmica, lei, graça e milênio.

Outro texto que foi um dos pilares do movimento fundamentalista foi *The Fundamentals* os quais «exploraram uma fonte de apreensão protestante conservadora e ajudaram a galvanizar a resposta conservadora à teologia liberal e ao evangelho social, que estavam conquistando popularidade e influência» (OLSON, 2001). Dois magnatas do ramo petrolífero Lyman e Milton Stewart, criaram em 1908 o Bible College de Los Angeles, a fim de fazer um contraponto à alta crítica. Entre 1910 e 1915 eles financiaram a publicação de *The Fundamentals*, uma série de doze panfletos, os quais apresentavam as doutrinas fundamentais da fé cristã; foram impressos três milhões de exemplares de cada panfleto, os quais foram distribuídos gratuitamente para pastores, professores e estudantes de teologia.

Apesar de ter despertado pouco interesse na época, esses panfletos foram considerados posteriormente um dos marcos do fundamentalismo nos Estados Unidos. Diversos temas são abordados em *The Fundamentals*: A autoria mosaica do Pentateuco; O valor doutrinário dos primeiros capítulos do Gênesis; As Sagradas Escrituras e as negações modernas; O recente testemunho da Arqueologia em favor das Escrituras; A concepção bíblica de pecado; A personalidade e divindade do Espírito Santo; A decadência do Darwinismo; a Filosofia moderna; A igreja e o socialismo; A Teoria da Evolução no púlpito.

Portanto, com a publicação desses textos, os fundamentalistas estavam reafirmando as doutrinas que consideravam os pilares do cristianismo e também foi uma resposta ao avanço da teologia liberal e dos avanços da ciência moderna. Com efeito,

a *Bíblia de Referência Scofield* e *The Fundamentals* foram os textos primordiais no movimento fundamentalista americano.

Quando eclodiu a Guerra Mundial, as igrejas conservadoras associaram o evento às profecias pré-milenaritas; a morte de milhões de pessoas no conflito era um prelúdio do tempo do fim. Tudo o que estava ocorrendo já estaria prescrito no livro do Apocalipse. Entre 1914 e 1918 foram realizadas três conferências relacionadas com profecia e Bíblia, de modo que se procurava provar, através das anotações de Scofield e da Bíblia, que o fim de fato se aproximava. Em 1917 o governo Britânico promulgou a Declaração Balfour, em que apoiava a criação do Estado de Israel na Palestina; tal fato também foi interpretado pelos fundamentalistas como predito nas Escrituras, pois de acordo com as anotações de Scofield nos tempos do fim os judeus retornariam para Israel.

As anotações de Scofield relacionavam a Rússia com a profecia Bíblica do «poder que vem do Norte», de modo que quando houve a Revolução Bolchevique em 1917, onde se estabeleceu o comunismo como doutrina estatal, os fundamentalistas também associaram com os comentários de Scofield; e «a criação da Liga das Nações obviamente representava o cumprimento da profecia de Apocalipse 16.14: era o Império Romano revivido que em breve seria governado pelo Anticristo» (ARMSTRONG, 2009).

Essa aversão a organismos internacionais como a Liga das Nações se devia ao fato de os fundamentalistas acreditarem que no fim dos tempos haveria guerra e não paz, portanto a Liga era no fundo a morada do Anticristo. Na visão pré-milenarista o Anticristo teria um projeto de paz mundial. Essa atitude dos fundamentalistas de aversão às propostas de paz chocou os liberais, que tinham uma visão completamente oposta. Para os teólogos liberais a destruição mediante a guerra era totalmente contrária ao projeto do Reino de Deus. Para eles a atitude dos fundamentalistas era anticristianismo.

Fundamentalismo e Pentecostalismo

O fundamentalismo dizia que a fé cristã era racional, de modo que não contrariava a lógica. No início do século XX ocorreu o surgimento do pentecostalismo nos Estados Unidos; os pentecostais não estavam preocupados com dogmas, doutrinas racionais, pois para eles é o Espírito Santo quem revela as verdades da vida religiosa. Sendo assim, os fundamentalistas e pentecostais possuíam muitas divergências.

O Pentecostalismo americano tem suas origens no movimento de santificação no século XIX, nos Estados Unidos. Essa manifestação de santidade se solidifica e ganha legitimidade como movimento religioso, em 1901, em Topekas com Charles Fox Pahram (1873-1929), que formulou a teologia do pentecostalismo clássico, e também ficou conhecido como o fundador do Movimento Pentecostal.

Pahram uniu as doutrinas que no futuro serviriam de estrutura teológica explicável dentro do movimento, tais como: estilo evangélico de conversão, santificação, cura divina, pré-milenismo e o retorno escatológico do poder do Espírito Santo. Também ensinava aos seus alunos, no que se diz respeito à santidade, a cura divina, etc., sempre usando o Livro dos Atos dos Apóstolos (2.38): «E Pedro lhes respondeu:

OSIEL LOURENÇO DE CARVALHO

Converti-vos: receba cada um de vós o batismo no nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo», assim, convidava-os para passar por experiências e reflexão sobre essa questão. As preces foram ouvidas e seus colegas relataram que Agnes Ozman começou a falar na língua chinesa. Não muito tempo depois o próprio Parham começou também a falar em línguas desconhecidas.

Dentre muitos seguidores das práticas carismáticas de Pahrman, se destacou o seu aluno William J. Seymour, pastor negro expulso da Igreja dos Nazarenos que, em 1906, na cidade de Los Angeles, levou a nova mensagem a um número crescente de convertidos pentecostais. Em um desses encontros, no dia 06 de abril de 1906, um menino de oito anos, entre outras pessoas, começou a orar em línguas fazendo com que Seymour reafirmasse a sua crença. Esse espaço ficou famoso e reconhecido como base de formação e divulgação mundial do moderno movimento pentecostal, seu endereço era: *Azuza Street, 312*.

Essa experiência de salvação vinha do sentimento imediato de santificação por meio de práticas de base extremamente emocional, incluindo as leituras bíblicas que eram feitas de forma marcante, na tentativa de tocar emocionalmente os seguidores. Pessoas de todo mundo, curiosas com esse movimento, vinham conhecer de perto os acontecimentos no templo de Seymour; e de lá saíam missionários para o restante do mundo. Seymour, com base nas doutrinas ensinadas por John Wesley e no movimento de santificação ou *holiness*, seguia a sua experiência baseada nos dons do Espírito Santo. Falava em línguas estranhas, acreditava no Batismo no Espírito Santo, na atualidade dos dons espirituais, tais como cura, profecias, operação de milagres e também que o batismo pentecostal revestia o crente como o poder do alto, capacitando-o para exercer seu ministério no mundo. Rapidamente, grupos semelhantes foram formados em muitos lugares dos EUA, mas com o rápido crescimento do movimento, o nível de organização também cresceu, até que o grupo passou a se denominar Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa. Esse pentecostalismo também foi um movimento de inclusão, pois muitos de seus membros viam de grupos tradicionalmente marginalizados como negros, mulheres e imigrantes latinos.

Desde seu início a ênfase do pentecostalismo não estava na dogmática, mas no êxtase, na experiência, de modo que a compreensão da verdade divina viria não da leitura meticulosa do texto bíblico, mas sim de um testemunho interno do Espírito Santo. Com efeito, para os pentecostais a razão é insuficiente para conhecer a Deus. Tal visão era diametralmente oposta à dos fundamentalistas, os quais diziam ser a fé cristã plenamente racional e explicável. Se os conservadores desenvolveram uma fé cerebral baseado em dogmas, os pentecostais mergulhavam numa religiosidade mística e sensorial.

Como já observamos outras vezes os fundamentalistas promoviam uma leitura literal do texto bíblico, por acreditarem que as palavras também eram inspiradas; não que os pentecostais menosprezassem a Bíblia, pelo contrário as experiências do Batismo com o Espírito Santo eram fundamentadas, segundo eles, nos textos bíblicos. Entretanto para eles a compreensão do texto das Escrituras não aconteceria mediante o uso das ciências exegéticas e históricas, mas mediante um testemunho interno do Espírito Santo. Ortodoxia, tradição protestante, dogmática não eram os elementos norteadores da espiritualidade pentecostal, mas sim o êxtase e transcendência.

A grande adesão ao movimento pentecostal pode ter sido o desencanto com a ra-

cionalidade científica da modernidade e, era um espaço onde se nutria um sentimento de pertencimento. Ao contrário da sociedade secularista, que os excluía e os marginalizava. O falar em línguas poderia ser interpretado também como um contraponto à linguagem racional e complexa de explicação do mundo. Além disso, era uma forma de expressar que a linguagem humana seria incapaz de traduzir o inefável; a experiência com Deus não caberia dentro dos conceitos racionais. Portanto, para os pentecostais de Azusa a divindade não pode estar aprisionada nos dogmas, nos sistemas humanos.

Por causa dessa ênfase dos pentecostais na experiência, foram logo no início, odiados pelos protestantes fundamentalistas. Warfield dizia que os milagres já não existiam mais e, que eles contrariavam as leis da natureza; ou seja, não podiam ser racionalmente explicados. Para os fundamentalistas, os pentecostais estariam negando a razão, a qual estava a serviço da comprovação da fé cristã. Sendo assim, os pentecostais foram acusados de fanáticos e supersticiosos e, alguns fundamentalistas chegaram a dizer que o movimento pentecostal era o último vômito de Satã; a reação do fundamentalismo ao pentecostalismo foi violenta. Todavia os pentecostais abraçaram a doutrina pré-milenarista e anos mais tarde também os discursos conservadores do fundamentalismo. No que diz respeito ao arrebatamento da igreja, o teólogo pentecostal HORTON (1995) diz que:

Então, os crentes que ainda estiverem vivos serão transformados e arrebatados nos ares juntamente com aqueles, num só corpo. A única exigência tanto para os mortos e, obviamente para os crentes que estiverem vivos, é que estejam em Cristo, ou seja: num relacionamento de fé e de fidelidade n'Ele. Paulo deixa claro que todos os mortos em Cristo e todos os crentes que permanecerem são levados juntos num só corpo no arrebatamento.

Ao que tudo indica uma das razões pelas quais o pentecostalismo adotou as ideias do pré-milenarismo, foi fato de a Bíblia de Scofield ter sido amplamente lida no movimento pentecostal. Assim como Scofield, os pentecostais também acreditam em um reino milenial:

Apocalipse 20.1-3 e vv. 7-10 tratam da condenação de Satanás. Ficará preso no abismo durante mil anos. Apocalipse 20.4 trata de dois grupos de pessoas: O primeiro assentava-se em tronos para julgar. A mensagem a todas as igrejas indica que são os crentes provenientes da Era da Igreja que permanecem fieis, sendo vencedores. Entre eles, conforme a promessa de Jesus, estão os doze apóstolos governando as doze tribos de Israel. Isso porque Israel, restaurado, purificado, com a plenitude do Espírito Santo de Deus, ocupará sem dúvida a totalidade da terra prometida a Abraão (HORTON, 1995).

Considerações finais

O fundamentalismo foi ao mesmo tempo uma reação e uma apropriação da modernidade. Esse movimento rejeitava o avanço da ciência, mas ao mesmo tempo usava o conhecimento científico para demonstrar que a veracidade das doutrinas do cristianismo. Em razão disso, os fundamentalistas fizeram duras críticas aos pente-

OSIEL LOURENÇO DE CARVALHO

costais, que enfatizaram a experiência e o testemunho interno do Espírito Santo. Apesar disso, o pentecostalismo adotou do movimento fundamentalista os discursos pré-milenarista e conservador. A presente pesquisa não é conclusiva, de modo que novas observações poderão ser incluídas na mesma.

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, Karen, *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- DELUMEAU, Jean, *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- DIAS, Zwinglio, *Os vários rostos do fundamentalismo*, São Leopoldo, CEBI, 2009.
- GEERING, Lloyd, *Fundamentalismo: desafio ao mundo secular*, São Paulo, Fonte Editorial, 2009.
- HORTON, Stanley, *Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro, CPAD, 1995.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa, *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1984.
- OLSON, Roger, *Historia da Teologia Cristã*, São Paulo, Editora Vida, 2001.
- ORO, Ivo Pedro, *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*, São Paulo, Paulus, 1996.
- PIERUCCI, Antônio Flavio, *Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa*, XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1991.
- ROCHA, Daniel, *Venha a nós o vosso reino: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro*, São Paulo, Fonte Editorial, 2012.
- VASCONCELLOS, Pedro Lima, *Fundamentalismos: matrizes, presenças e inquietações*, São Paulo, Paulinas, 2008.